



REFLEXÃO SOBRE A ANTROPOLOGIA NA GALIZA DE HOJE

*Xerardo Pereiro**

Apresento neste texto alguns dos problemas que tocam a institucionalização e organização da antropologia na Galiza de hoje. Não vou tratar aqui os precursores nem os introdutores da moderna antropologia sociocultural (cf. Fernández de Rota y Monter 1992) no contexto galego (cf. Medeiros 1999), pois esse não é o objectivo deste texto. Tão-pouco me referirei ao trabalho que antropólogos não galegos têm feito ou estão a realizar na Galiza: em primeiro lugar, pela pouca integração na comunidade antropológica galaica, com algumas notáveis excepções; em segundo lugar, pela respectiva falta de preocupação na divulgação dos seus trabalhos, o que acontece, por exemplo, com o trabalho clássico, não publicado, de Stephan Bauer, sobre o parentesco nos Ancares lucenses; e, em terceiro lugar, pelo desinteresse das algumas instituições antropológicas galegas em integrar, traduzir e divulgar esses trabalhos – até mesmo os materiais etnográficos de Carmelo Lisón Tolosana já foram rejeitados por, pelo menos, uma instituição antropológica galega. Ao longo do texto tentarei construir o meu argumento num quadro comparativo fundamentalmente ibérico, juntamente com algumas notas sobre a organização da antropologia nos EUA e no Reino Unido, num jogo de espelhos que dê lugar a uma visão matizada de uma peça do *puzzle* antropológico peninsular.

A antropologia galega na universidade

A universidade galega tem sido, nas últimas décadas, o principal reduto de uma antropologia profissional com muito pouco espaço e visibilidade sociais fora da academia. Este problema é comparativamente análogo em Portugal e em Espanha, mas em termos políticos a organização de Espanha em “comunidades autonómicas” (dentro das quais a constituição espanhola distingue três nacionalidades históricas – Galiza, País Basco, Catalunha) condiciona a existência de sistemas educativos próprios, com um desenvolvimento legal autónomo, que tem como pautas de referência tanto a constituição do estado espanhol, como o estatuto de autonomia respectivo.

* Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (Miranda do Douro).



Xerardo Pereiro

Tendo como cenário o quadro autonómico, a actual situação político-universitária galega está condicionada por um passado recente, no qual a única universidade galega existente (Universidade de Santiago de Compostela) foi dividida em três: Universidade de Santiago, Universidade da Corunha e Universidade de Vigo. Esta divisão aconteceu no ano de 1990 e pode ser caracterizada como um processo de descentralização não isento de conflitos e lutas entre diferentes agentes sociais e políticos. É de sublinhar que as três instituições são públicas, já que não existem universidades privadas na Galiza, ao contrário do que acontece em Portugal. No terreno da antropologia, a partilha da Universidade de Santiago de Compostela deu lugar à criação do que eu chamo metaforicamente “três quintais”, com extremas difíceis de ultrapassar hoje em dia.

Na Universidade de Vigo, a antropologia tem uma escassa relevância e academicamente está ligada à história¹ e à sociologia.² Já na Universidade de Santiago de Compostela goza de um maior peso e protagonismo. Ligado fundamentalmente à filosofia, e integrando o Departamento de Filosofia e Antropologia Social, o trabalho científico dos antropólogos da Universidade de Santiago é dilatado e extenso.³ As linhas de investigação seguidas e os seus resultados científicos sustentam esta minha afirmação. Também é preciso salientar que até há pouco tempo esta universidade mantinha na Galiza o único programa de doutoramento em antropologia, do qual já saíram algumas levas de jovens antropólogos. Além do dito, do seu labor académico salienta-se o impulso e a criação da Associação Galega de Antropologia e a realização de numerosos congressos e encontros (cf. Rodríguez Campos 1997). Também na Universidade de Santiago existe uma pequena ligação da antropologia ao trabalho social e à história, que derivou do facto de terem sido historiadores os primeiros a solicitar uma licenciatura em antropologia para a Universidade de Santiago, antes mesmo que o tivessem feito os próprios antropólogos que então leccionavam na Faculdade de Filosofia.⁴

¹ O antropólogo Fidalgo Santamarina (professor titular), de formação francesa, é o responsável pela leccionação da antropologia. Ao mesmo tempo dirige o Laboratorio Ourensán de Antropologia Social, que edita estudos monográficos e participa em projectos de investigação de âmbito provincial.

² O antropólogo David Casado faz parte do departamento de sociologia, mas lecciona disciplinas de sociologia e a antropologia não é muito bem vista pela presidência do departamento.

³ Marcial Gondar Portassany (catedrático; antropologia das idades, antropologia da saúde, antropologia aplicada); Xosé Ramón Mariño Ferro (professor titular; simbolismo quechua, cultura popular galega, arquétipos simbólicos europeus, etno-história); Xaquín Rodríguez Campos (professor titular; economia camponesa, história da antropologia galega no século XIX, antropologia linguística); Nieves Herrero (professora titular; antropologia de Marcel Mauss, antropologia industrial, o Caminho de Santiago como espaço simbólico); Susana de la Gala (professora associada; antropologia do género, antropologia da gestão cultural).

⁴ Na Escola de Trabalho Social (bacharelato) do bispado de Santiago (adscrita à Universidade de Santiago) ensina-se antropologia, mas o responsável das disciplinas é geralmente um filósofo de formação. No campus de Lugo, as disciplinas de antropologia da educação são leccionadas por filósofos. Ainda que essa seja uma situação mais generalizada dentro de Espanha, acho que a responsabilidade deveria competir aos próprios antropólogos. Na Faculdade de Geografia e História da Universidade de Santiago, a antropóloga Mar Llinares (professora titular) ensina antropologia integrada no



Acabámos de descrever o processo através do qual antropologia aparece no nome de um departamento, “filosofia e antropologia social”, na Universidade de Santiago. Outro foi o caso da Universidade da Corunha, onde a antropologia é uma área inserida de raiz no Departamento de Humanidades. Neste último caso, a criação de um Instituto de Antropologia Aplicada – com sede em Betanzos – dará uma nova visibilidade nominal à antropologia. O grupo corunhês de antropólogos⁵ tem realizado periodicamente congressos de antropologia,⁶ para além de haver impulsionado um mestrado em património cultural e um doutoramento em antropologia das identidades. Na Universidade da Corunha, não podemos esquecer também a presença de outros antropólogos que, academicamente, trabalham ligados à sociologia rural (cf. Cardesin⁷ 1992) e à sociologia urbana (cf. Lamela Viera⁸ 1998). Ainda na Corunha, a antropologia tem outro espaço de expressão na Universidade Nacional de Educação à Distância – UNED.⁹

Entre os antropólogos da Universidade de Santiago e os da Universidade da Corunha está hoje em jogo a eventual criação de uma licenciatura em antropologia, instituição que é vista como um recurso singular que não poderá ser partilhado.¹⁰ Esta disputa, como outros impasses já anotados, mostram de forma muito clara a falta duma forte organização corporativa e o “minifundismo” da antropologia académica na Galiza.

Em termos de produção científica têm tido origem nas duas universidades tanto trabalhos de uma antropologia “internacional” como trabalhos de uma antropologia “nacional” ou “galeguista” (sigo a proposta genérica de classificação feita por G. Stocking 1982). Quanto aos novos objectos de estudo preferenciais, têm acontecido várias viragens das quais é de salientar a passagem de um interesse exclusivo pelos contextos rurais para práticas mais frequentes em contextos rurbanos e urbanos. Outro aspecto importante é a mudança de terrenos de pesquisa – passou-se de uma antropologia feita exclusivamente “em casa” para o desenvolvimento de estudos noutros con-

departamento de pré-história. Mar Llinares faz pesquisa sobre literatura oral “tradicional” e sobre género, para além de traduzir numerosos e importantes livros de antropologia para língua espanhola.

⁵ José Antonio Fernández de Rota (catedrático; antropología histórica, antropología urbana, património cultural, economia cultural); Enrique Couceiro (professor titular; antropología das identidades, economia cultural, antropología dos riscos); Luís Gárate (professor titular; antropología urbana, património cultural, antropología do desenvolvimento); Antonio García Allut (professor titular; antropología da pesca).

⁶ Cf. Fernández de Rota e González Reboredo 1990; Fernández de Rota 1992, 1994, 1996; Fernández de Rota e Irimia Fernández 1999; Fernández de Rota e Le Pichom 1999.

⁷ De salientar as intensas inter-relações académicas deste antropólogo com o Professor Doutor Raúl Iturra (ISCTE).

⁸ Carmen Lamela Viera foi orientada pela professora Maria Cátedra (Universidade Complutense de Madrid), bem conhecida em Portugal pelo seu trabalho sobre Évora (em curso).

⁹ Através da antropóloga Beatriz Ruíz, que realizou uma tese de doutoramento inédita na área da antropologia económica, orientada pelo catedrático Ubaldo Martínez Veiga e apresentada na Universidade Autónoma de Madrid. O contexto de estudo tem sido a cidade de Vigo.

¹⁰ Lembremos que a licenciatura em antropologia no estado espanhol é um curso que só pode ser tirado depois da obtenção de um bacharelato em história, geografia, belas artes, gestão, sociologia, etc.



Xerardo Pereiro

textos culturais, nomeadamente EUA, Portugal, China e Moçambique, marcando caminhos de ruptura suscitados por novos problemas e contextos sócio-históricos.

A antropologia e o âmbito institucional não universitário

São várias as instituições não universitárias nas quais a antropologia tem o seu próprio espaço na Galiza. O contexto geral para a compreensão destas presenças é o quadro “autonómico”, ou seja, a organização estatal espanhola que reconhece regiões e nacionalidades históricas com governos próprios.

Entre as diferentes instituições é preciso salientar, em primeiro lugar, o Museo do Pobo Galego, uma instituição que nasceu em 1976, quando a democracia foi restaurada em Espanha, com o objectivo de elaborar um discurso identitário sobre a cultura galega. Apesar de não ser um museu estritamente de antropologia, condensa uma imagem antropológica da Galiza rural, propondo uma interpretação de um passado mais ou menos recente. Este museu já foi dirigido por uma figura histórica da antropologia galega, António Fraguas, mas na actualidade o papel que os antropólogos ali ocupam é o de simples colaboradores.¹¹ O Museo do Pobo tem organizado vários congressos e reuniões científicas internacionais (cf. AAVV 1988 e AAVV 1989), nas quais os antropólogos portugueses convidados têm tido um papel muito destacado. Além da sua exposição permanente realiza exposições temporárias,¹² elabora programas pedagógicos e prossegue uma linha de publicações. Alguns dos seus problemas são, do meu ponto de vista, o baixo orçamento, a falta de protagonismo da antropologia na sua direcção, a falta de um protagonismo hierárquico e político do museu para coordenar uma rede galega de museus de antropologia e a pouca atenção para com as novas formas de discursar a antropologia, para além do “galeguismo”.

Dentro do mundo museológico galego, encontramos outra instituição na qual a antropologia assume um papel muito mais importante – trata-se do Museu Etnológico de Ribadavia (Ourense).¹³ Este museu está instalado numa

¹¹ Entre estes colaboradores salienta-se Clódio González Pérez, responsável por um curso anual sobre literatura oral para professores primários; mas também Xaquín Rodríguez Campos, Marcial Gondar e Xosé Ramón Mariño Ferro, da Universidade de Santiago.

¹² Como, por exemplo, “Viver no Atlântico Norte”. Ver: <http://www.museodopobo.es>.

¹³ Dirigido pelo antropólogo Xosé Carlos Sierra, que é um dos grandes aplicadores da antropologia fora da academia. Foi um dos primeiros docentes universitários a ensinar antropologia na Galiza (1975), juntamente com José Antonio Fernández de Rota e Javier Sanmartín. Xosé Carlos Sierra foi colaborador do Parque Etnográfico do Río Arnoia (Allariz), uma das experiências de museologia antropológica melhor sucedidas na Galiza. Neste momento está a desenvolver o projecto museológico do Museu do Antroido (Xinzo de Límia). É um grande conhecedor da museologia antropológica europeia. Foi também subdirector-geral de cultura da Junta da Galiza, o que lhe permite ter uma visão crítica dos desenhos das políticas culturais. Entre os antropólogos que habitualmente colaboram com Xosé Carlos Sierra, salientam-se Manuel Vilar, Fátima Braña, Eva Mouriño e Xerardo Pereiro, que têm trabalhado em investigações sobre o património cultural e os museus de antropologia na Galiza.



área rurbana, como é a comarca vitivinícola do Ribeiro, e caminha para um paradigma ecomuseológico. A sua magnífica biblioteca e o seu centro de documentação histórico-antropológica convertem este museu num centro de pesquisa fundamental do noroeste da Península.

Outra instituição fundamental no mundo antropológico galego é o Consello da Cultura Galega, cuja “ponencia de antropologia cultural” tem sido muito activa no desenvolvimento de projectos de investigação e na organização de congressos de antropologia, virando-se na actualidade para os problemas da etnicidade.¹⁴

O Instituto de Estudos Padre Sarmiento, dependente do Conselho Superior de Investigações Científicas (CSIC), é outra das instituições nas quais a antropologia tem um papel de algum relevo. De algum modo herdeiro da geração galeguista “Nós”, tem nos colaboradores eventuais o seu principal capital.¹⁵ Entre o seu labor editorial são de salientar os *Cuadernos de Estudos Galegos* (CEG) e a publicação do III Congresso de Antropologia Aplicada (cf. González Reboredo e outros 1997), iniciativa de nível estatal co-organizada a partir de Santiago de Compostela.¹⁶

Dentro da Direcção-Geral do Património Cultural da Junta da Galiza, existiu na primeira metade dos anos 90 uma secção de etnografia, à frente da qual esteve sempre um arquitecto – formação que a dita Direcção Geral julgava mais adequada para assumir esta responsabilidade. O objectivo da Secção de Etnografia era realizar um exaustivo inventário dos traços culturais galegos, uma espécie de mapa etnológico da Galiza. Dentro da secção existia uma comissão de peritos, da qual faziam parte alguns dos antropólogos ligados a instituições já referidas neste texto. Os projectos que foram subsidiados não pertenciam exclusivamente a antropólogos – em minoria ali –, pelo que as preocupações teóricas eram escassas e o objectivo dos trabalhos estava

¹⁴ Entre os trabalhos desenvolvidos salienta-se uma recompilação de toda a bibliografia sobre antropologia da Galiza. No início dos anos 90, o professor José Antonio Fernández de Rota liderou uma equipa de investigadores, na qual participei, que trabalhou sobre a identidade galega nos seus limites administrativo-territoriais. O projecto deu lugar a algumas publicações colectivas e individuais, mas terminou quando começámos a pensar na importância de estudar a cultura galega e as suas expressões identitárias em contextos migratórios. A liderança actual da “ponencia de antropologia cultural” é do professor Xosé Manuel González Reboredo, docente de literatura espanhola no Instituto Rosalia de Castro de Santiago de Compostela. Além do professor Reboredo, que tem investigado sobre a literatura oral galega, também fazem parte da “ponencia” o professor Francisco Calo Lourido e o professor Fidalgo Santamarina (Universidade de Vigo – Campus de Ourense), entre outros. Cf. González Reboredo e Fernández de Rota 1990; González Reboredo e Rodríguez Campos 1990; Fernández de Rota, González Reboredo e Fidalgo Santamarina 1993; Pereiro Pérez 1996.

¹⁵ Xosé Manuel González Reboredo, Antonio Fuentes Allende, Clodio González Pérez, Xaquín Rodríguez Campos, Xosé Carlos Sierra Rodríguez, Manuel Vilar Álvarez. Também poderíamos integrar neste grupo Manuel Mandianes Castro, colaborador científico do CSIC – que ao contrário dos anteriores faz parte do quadro. No Instituto Millá i Fontanals de Barcelona, Manuel Mandianes tem feito trabalho de campo na Galiza e tem manifestado o seu interesse em dirigir o próprio instituto. Cf. Mandianes Castro 1989; Mandianes Castro e Antón 1998.

¹⁶ Além do mais, este grupo de antropólogos, coordenado por Xosé Manuel González Reboredo, dirige a secção de antropologia do “Proxecto Galicia”, um projecto enciclopédico da Editorial Hércules que, juntamente com outras disciplinas, pretende criar uma enciclopédia de antropologia da Galiza.



Xerardo Pereiro

condicionado por uma visão sobretudo arquitectónica e arqueológica demasiado redutora. O seu curto orçamento, os problemas de pagamento e a falta de projecção social e política dos resultados levaram ao corte dos apoios para a realização do dito inventário. De positivo, é preciso dizer, estes trabalhos contribuíram para a realização de algumas teses de doutoramento em antropologia.¹⁷

De importância menor é a Aula de Etnografia do Conservatório de Música da Universidade Popular de Vigo, uma universidade sénior ligada à educação de adultos, à frente da qual está um profissional da música.

Finalmente, é de assinalar a existência da Associação Galega de Antropologia (AGA), que tem o estatuto de uma associação cultural, mas que em termos científico-académicos integra a Federação de Associações de Antropologia do Estado Espanhol (FAAEE). O seu núcleo fundador, como já foi referido, foi o grupo de antropólogos sediado na Universidade de Santiago, tendo, no entanto, sido convidados todos os sectores da antropologia galega. A AGA organizou o IX Congresso Estatal de Antropologia em Santiago de Compostela (1999), um congresso ibérico no qual os antropólogos portugueses tiveram um papel muito importante (cf. Rodríguez Campos 1999). Pensar a AGA equivale a pensar alguns dos problemas da antropologia galega. Ali se espelha bem, em primeiro lugar, a falta de um espírito de unidade e partilha de objectivos comuns – pelo menos diante das instituições públicas – para defender a antropologia e os antropólogos. Um bom exemplo foi a perda da batalha pela colocação da antropologia nos currículos das escolas secundárias, reafirmando-se o “minifundismo” e o desfasamento social tão característicos da sociedade galega.

Pensar o futuro da antropologia galega

Os caminhos que parecem desenhar o futuro da antropologia na Galiza passam por percursos complementares que se podem entrecruzar cronotopicamente. Em primeiro lugar, é cada vez mais necessária a abertura de uma licenciatura em antropologia sociocultural, pois neste momento não se justifica que os estudantes galegos se desloquem para outros lugares do estado espanhol para tirar o curso.¹⁸ Não se justifica a situação de desigual-

¹⁷ A Consellería de Cultura da Junta da Galiza, da qual era conselheiro Victor Manuel Vázquez Portomeñe, estava mais preocupada em pagar 200 milhões de pesetas a Julio Iglesias para patrocinar o Xacobeo 93, que em subsidiar estudos de antropologia. Estes estudos de antropologia implicavam 30 milhões de pesetas anuais. Estamos perante um caso de diferente rentabilidade política, no qual se hegemoniza o conceito de cultura galega como cultura de massas e do espectáculo, extravasando ao mesmo tempo os limites do conceito de cultura popular. Esta será a tónica dos governos de Manuel Fraga Iribarne.

¹⁸ No estado espanhol existem na actualidade 11 licenciaturas em antropologia sociocultural: Universidad Autónoma de Barcelona, Universidad Autónoma de Madrid, Universidad Católica de Murcia, Universidad Complutense de



dade a respeito de outras áreas do estado espanhol, como a Catalunha, Madrid ou a Andaluzia, áreas nas quais há mais de uma licenciatura.

Hoje em dia, a Galiza é cada vez mais uma área multicultural que exige o trabalho de especialistas nos problemas da integração e mediação culturais. Para além disso, uma comunidade autonómica que queira melhorar a qualidade de vida dos seus cidadãos e seguir princípios de justiça social, precisa de formação e investigação em antropologia para alcançar esses objectivos de reforma e de melhoria da qualidade de vida.

Em relação à criação de uma licenciatura em antropologia, também se faz necessária a inserção da disciplina no currículo da escola secundária, pois se cada vez mais os estudantes do ensino secundário escolhem as ciências humanas e sociais como disciplina optativa preferencial, não podemos deixar de oferecer uma disciplina específica que contribua decisivamente para diminuir o etnocentrismo e superar os discursos racistas, risco e mal do século que agora se inicia. A minha proposta é, neste sentido, a substituição da disciplina de “religião” e de “ética” por uma antropologia leccionada por especialistas. Aconselha esta iniciativa a diminuição constante do número de alunos que escolhem “religião” como disciplina e o seu maior interesse pelo estudo de uma “ética” que fica coxa sem uma “visão antropológica”. Temos como exemplo bem sucedido o da comunidade valenciana, que introduz em 1995 (Diari Oficial de la Generalitat Valenciana, 19-6-1995) a disciplina antropológica no ensino secundário, como saber crítico e humanizante. Poderíamos colher ainda um exemplo vindo de um contexto pós-colonial, como é o caso de Timor-Leste, uma nova nação onde a antropologia faz parte do currículo das humanidades.

Por outro lado, a antropologia deve conquistar todos os espaços profissionais possíveis. Exemplos como o de Marcos Gallego,¹⁹ Luzia Fernández,²⁰ ou Celso Loureiro Lamas²¹ são bem demonstrativos daquilo que a antropologia pode fazer para além do espaço académico – aplicaram o conhecimento antropológico nos mais variados terrenos, sem necessidade propriamente de etiquetar ou “enlatar” a sua prática como “antropologia aplicada”, diferente de uma outra que o não seja.

Madrid, Universidad de Deusto, Universidad de Extremadura, Universidad de Granada, Universidad de Sevilla, Universidad Miguel Hernández de Elche, Universidad del País Vasco, Universidad Rovira i Virgili. A Universidade Católica de Murcia (particular) oferece anualmente aos estudantes galegos a licenciatura, podendo as aulas ser não presenciais e o atendimento aos alunos feito por Internet. A Galiza é um dos seus mercados, sobretudo procurado por estudantes de enfermagem. Ver anúncio em *La Voz de Galicia*, 29-10-2000.

¹⁹ Marcos Gallego é doutorando em antropologia pela Universidade de Santiago. Tem trabalhado em antropologia urbana e antropologia aplicada e promoveu, conjuntamente com um politólogo e um sociólogo, uma empresa de investigação social que está a ter grande sucesso e incidência na Galiza e no norte de Portugal.

²⁰ Luzia Fernández é doutoranda em antropologia pela Universidade de Santiago. Aplica a antropologia através do “Projecto Bogavante”, um programa de integração de imigrantes cabo-verdianos no concelho de Burela (Lugo).

²¹ Celso Loureiro Lamas é licenciado em antropologia pela Universidade de Barcelona e director-geral do Centro Unesco da Galiza. Foi ele quem promoveu um programa de formação de agentes socioculturais de grande relevância.



Xerardo Pereiro

As novas fornadas de jovens antropólogos estão a demonstrar um bom saber, um bom saber fazer e um bom dizer e escrever antropologia.²² Os problemas aqui são os da falta de uma vertebración dos resultados das investigaciónes, chegando a dar-se o caso de os antropólogos galegos conhecerem melhor a antropologia que se faz fora da Galiza do que a produzida na própria Galiza. A situação na Galiza é pois marcada pela desvertebración da “tribo” antropológica galaica, que leva a um (des)conhecimento mútuo imprudente. A solução para este mal poderia ser a criação de uma revista que integrasse os trabalhos dos diferentes “clãs” galaicos, que divulgasse os trabalhos dos antropólogos não galegos e que dialogasse com as diferentes tradições. Essa publicação, da qual já se tem falado na Associação Galega de Antropologia, poderia ocupar um espaço social importante para tornar visível e prestigiar a disciplina.

Quanto aos terrenos de investigación, na Península Ibérica a antropologia tem sido feita maioritariamente “em casa”, não por pobreza intelectual, mas devido a uma clara falta de recursos para a investigación e também por condicionamentos económico-políticos de situação, como já foi sugerido.²³ Contudo, superadas as necessidades imediatas de justificar as tranformações arrastadas pela democratização e já localizados os dois países no novo quadro da União Europeia, começa-se a notar uma nova viragem para o trabalho em contextos não estritamente europeus.²⁴ Se bem que este trabalho feito fora de portas não tenha ainda uma grande importância, pode vir a tê-la num futuro próximo, sempre que se registarem as seguintes condicionantes estruturais: 1) suficiente massa crítica para diversificar os

²² Entre os jovens antropólogos galegos salientam-se: Miguel Martínez, doutor em antropologia pela Universidade de Santiago, especialista em antropologia da pesca e prémio estatal “Marqués de Lozoya” de investigación antropológica; Hedi Kelley, doutoranda em antropologia pela Universidade de Santiago, que trabalha sobre antropologia do trabalho e cultura de empresa; Eva Mouriño, doutoranda em antropologia pela Universidade de Santiago, que publicou um interessante livro sobre a peregrinação a Santiago de Compostela (Mouriño 1997); Marián Mariño Costales, doutoranda em antropologia pela Universidade de Santiago, que trabalha sobre género, feminismo e sexualidade; David Casado Neira, doutorando em antropologia pela Universidade de Santiago, que trabalha sobre antropologia da saúde; Milagros Rumbo Torres, doutora em antropologia pela Universidade da Corunha, que tem trabalhado sobre antropologia industrial; María Jesús Pena Castro, doutoranda em antropologia pela Universidade da Corunha, que trabalha sobre urbanismo e património cultural; Esther Fernández, doutoranda em antropologia pela Universidade da Corunha, que trabalha sobre sociabilidades e associações em ambientes rurbanos; Jesús Pérez Marty, doutorando em antropologia pela Universidade da Corunha, que trabalha sobre os problemas do desenvolvimento em Moçambique.

²³ Espanha dedica 0,89% do orçamento de estado à investigación. O total da despesa em investigación é de 571,584 milhões de pesetas, dividido nas seguintes rubricas: 168,451 milhões (29,5%) para investigación militar, 111,469 milhões (19,5%) para investigación fundamental, e 301,591 milhões (51%) para investigación aplicada em empresas (só se subsidiam os juros de empréstimos para investigación e desenvolvimento). Alguns criticos afirmam que, da investigación aplicada, 90% são dirigidos para empresas como Santa Bárbara ou CASA, que investigam sobre armamento. Ver *El Mundo*, 18-10-2000; ver também *El País*, 12-10-2000 e a revista inglesa *Nature*, edição de Outubro de 2000.

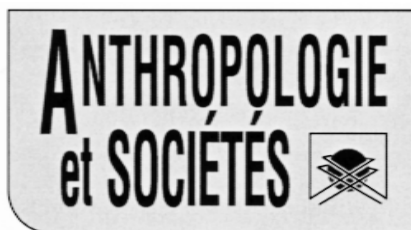
²⁴ A Universidade da Corunha tem doutorandos galegos em antropologia a fazer trabalho de campo na China e em Moçambique. A Universidade de Santiago tem doutorandos galegos a trabalhar no Canadá.



terrenos e as práticas profissionais; 2) uma rede de museus de antropologia; 3) centros de investigação a partir dos quais se possam produzir resultados com uma boa reutilização social. São essas condições estruturais que favorecerão a superação do que se chamou a fase do ensimesmamento (cf. Medeiros 1999) da antropologia ibérica.

BIBLIOGRAFIA

- AAVV, 1988, *I Coloquio de Antropoloxía*, Santiago de Compostela, Xunta de Galicia/Museo do Pobo Galego.
- , 1989, *II Coloquio de Antropoloxía*, Santiago de Compostela, Xunta de Galicia/Museo do Pobo Galego.
- CARDESIN, José M., 1992, *Tierra, Trabajo y Reproducción Social en una Aldea Gallega (S. XVIII-XX)*, Madrid, Ministerio de Agricultura.
- FERNÁNDEZ DE ROTA, José A., 1992, *Rito y Misterio*, Corunha, Universidade da Corunha.
- , 1994, *Etnicidad y Violencia*, Corunha, Universidade da Corunha.
- (org.), 1996, *Las Diferentes Caras de España: Perspectivas de Antropólogos Extranjeros y Españoles*, Corunha, Universidade da Corunha.
- FERNÁNDEZ DE ROTA, José A., e Xosé M. GONZÁLEZ REBOREDO (orgs.), 1990, *Lindeiros da Galeguidade*, Santiago de Compostela, Consello da Cultura Galega.
- FERNÁNDEZ DE ROTA, Xosé A., Xosé M. GONZÁLEZ REBOREDO, e J. A. FIDALGO SANTAMARINA (orgs.), 1993, *Lindeiros da Galeguidade II: Actas do Simposio de Antropoloxía*, Santiago de Compostela, Consello da Cultura Galega.
- FERNÁNDEZ DE ROTA, J. A., e P. IRIMIA FERNÁNDEZ (orgs.), 1999, *Los Protagonistas de la Economía Básica: La Vanguardia Ganadera y la Casa en el Este de la Provincia de A Coruña*, Corunha, Deputación Provincial da Coruña.
- FERNÁNDEZ DE ROTA, J. A., e A. LE PICHOM, (orgs.), 1999, *Antropología de la Transmisión Hereditaria*, Corunha, Universidade da Corunha.
- FERNÁNDEZ DE ROTA Y MONTER, José A., 1992, “La Antropología Gallega a Debate”, *Anales de la Fundación Joaquín Costa*, 9, 123-145.
- GONZÁLEZ REBOREDO, Xosé M., e Xosé A. FERNÁNDEZ DE ROTA (orgs.), 1990, *Identidade e Territorio*, Santiago de Compostela, Consello da Cultura Galega.
- GONZÁLEZ REBOREDO, X. M., e J. RODRÍGUEZ CAMPOS, 1990, *Antropología y Etnografía de las Proximidades de la Sierra de Ancares*, vol. 1, Lugo, Deputación Provincial.
- GONZÁLEZ REBOREDO, Xosé M., e outros (orgs.), 1997, *Actas do III Congreso de Antropoloxía Aplicada*, Santiago de Compostela, Xunta de Galicia/Instituto Padre Sarmiento.
- LAMELA VIERIA, María C., 1998, *La Cultura de lo Cotidiano: Estudio Sociocultural de la Ciudad de Lugo*, Madrid, Akal.
- MANDIANES CASTRO, Manuel, 1989, *Las Serpientes contra Santiago*, Santiago de Compostela, Sotelo Blanco.
- MANDIANES CASTRO, Manuel, e Fina ANTÓN, 1998, *O Ciclo da Vida*, Vigo, Ir Indo.
- MEDEIROS, António, 1999, “Apresentação: Amenidades e Lugares Comuns das Antropologias na Península”, Rodríguez, Xaquín (org.), *Mesa de Trabajo I: Actas do VIII Congreso de Antropología*, Santiago de Compostela, FAAEE/AGA, 7-15.
- MOURIÑO, E., 1997, *Vivir o Camiño: Revivir a Historia*, Vigo, Ir Indo.
- PEREIRO PÉREZ, Xerardo, 1996, *Entre Galicia e Asturias: Antropoloxía da Identidade e da Alteridade*, Santiago de Compostela, Editorial Lea.
- RODRÍGUEZ CAMPOS, Joaquín (org.), 1999, *Actas do VIII Congreso de Antropología*, Santiago de Compostela, FAAEE/AGA.
- RODRÍGUEZ CAMPOS, X., 1997, *As Linguas e as Identidades: Ensaio de Etnografía e de Interpretación Antropolóxica*, Santiago de Compostela, Universidade de Santiago.
- STOCKING, George W., 1982, “Afterword: A View from the Center”, *Ethnos*, 47, 172-186.



**La revue francophone
d'anthropologie
en Amérique du Nord**

Anthropologie et Sociétés Tél : (418) 656-3077
Département d'anthropologie (418) 656-3700
Université Laval Téléc. : (418) 656-3284
Sainte-Foy (Québec) G1K 7P4
Canada

proanth@ant.ulaval.ca
www.fss.ulaval.ca/ant/revuant.html

Rédactrice

Francoise Bailliant
Anthropologie.Societes@ant.ulaval.ca

Comité de rédaction

Claude Bariteau
Serge Geneet
Marie-F. Guédon
Carmon Lambert
Marie-N. Leblanc
Joseph-Josy Lévy
Raymond Massé
Deirdre Meintel
Jean-C. Muller
Sylvie Poirier
Pierre-A. Tremblay
Françoise Trudel

Adjointe à la rédaction

Pauline Curien
Pauline.Curien@ant.ulaval.ca

Secrétaire

Françoise M. Gingras
Francoise.Gingras@ant.ulaval.ca

Anciens numéros

- 16,1 Pouvoirs de l'image
- 16,2 Crises de subsistance
- 17,1 2 Fines/espaces de sens
- 17,3 Masques démasqués
- 18,1 Localismes
- 18,2 Rêver la culture
- 18,3 Frontières culturelles et marchandises
- 19,1 2 Retour sur le don
- 19,3 Pouvoirs de l'ethnicité
- 20,1 Savoirs et gouvernances
- 20,2 Algérie aux marges du religieux
- 20,3 La nation culturelle
- 21,1 Confluentes
- 21,2 3 Comparaisons régionales
- 22,1 Antique revisitée
- 22,2 Méditations chamaniques
- 22,3 Culture et modernité au Japon
- 23,1 Rites et pouvoirs
- 23,2 Solus, corps, anérite
- 23,3 L'ethnolinguistique
- 24,1 Terrains d'avenir
- 24,2 Anthropologie, relativisme éthique et santé
- 24,3 Nouvelles parentés en Occident

ABONNEMENT

| | Canada | Autres |
|-----------|-----------|------------|
| Régulier | 40 \$ CAN | 70 \$ CAN |
| Étudiant | 25 \$ CAN | 50 \$ CAN |
| Organisme | 90 \$ CAN | 125 \$ CAN |

Taxes incluses au Canada
TVQ : R 119 2/8 950 — TPS : 1006 154 143 TV 0003

**Économie politique
féministe** 25-1, 2001

Présentation

**Perspectives anthropologiques et
féministes de l'économie politique**
Marie France Labrecque

Dans la mouvance

Les femmes rurales iraniennes transforment leur vie
Parvin Ghorayshi

**Les politiques de développement
et les politiques de la santé**

Les contradictions de la prévention du sida au Népal
Stacy Leigh Pigg

**L'agriculture urbaine au sein des jardins
collectifs québécois**

Empowerment des femmes ou «domestication de l'espace public»?
Manon Boulianne

**Familisme, despotisme et discipline dans le
Languedoc rural**

Le contrôle des femmes et la gestion des hommes
dans l'exploitation familiale
Winnie Lem

**L'économie politique de la construction
des genres chez les Mayas du Nord du
Yucatan au temps des maquiladoras**

Marie France Labrecque

Un nouveau paternalisme industriel?

Les liens affectifs dans les rapports
de production des réseaux économiques locaux
Susana Narotzky

HORS THÈME

La langue basque et le biculturalisme

(note de recherche)
Éric Schwimmer

Comptes rendus

Marcel Detienne, *Comparer l'incomparable*

Marcello Massenzio, *Sacré et identité ethnique*

Aidan Southall, *The City In Time and Space*

J.-M. Berthelot, *La sociologie française contemporaine*

et d'autres encore...